

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Deficit em 12 meses somou US\$ 68,5 bi (3,21% do PIB)

Deficit de transações correntes atinge US\$ 2,2 bi

As transações correntes do balanço de pagamentos foram deficitárias em US\$ 2,2 bilhões em março de 2025, ante déficit de US\$ 4,1 bilhões em março de 2024.

Na comparação interanual, o superávit comercial aumentou US\$ 1,3 bilhão, o déficit em serviços aumentou US\$ 460 milhões e o déficit em renda primária recuou US\$ 895 milhões.

O déficit em transações correntes nos doze meses encerrados em março de 2025 somou US\$ 68,5 bilhões (3,21% do PIB), ante US\$ 70,3 bilhões (3,28% do PIB) no mês anterior e US\$ 26,3 bilhões (1,17% do PIB) em março de 2024.

O superávit da balança comercial de bens atingiu US\$ 7,6 bilhões em março de 2025, ante superávit de US\$ 6,4 bilhões em março de 2024.

Serviços

O déficit na conta de serviços totalizou US\$ 4,4 bilhões em março de 2025, aumento de US\$ 460 milhões em relação a março de 2024. As despesas líquidas de serviços de propriedade intelectual subiram 70,5% (US\$ 1,1 bilhão) e de transportes, +20,3% (US\$ 1,1 bilhão).



Executivo espera atrair R\$ 2 tri na próxima década

Investimentos em TI devem passar por desoneração

A desoneração de tributos federais para investimentos em tecnologia da informação, por data centers. Esse é o objetivo da medida, a ser anunciada, nos próximos dias, pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, durante sua visita ao Vale do Silício, no estado estadunidense da Califórnia.

No encontro, Haddad

apresentará o Brasil como polo de infraestrutura sustentável, para ‘destravar’ investimentos de R\$ 2 trilhões na próxima década, em setores, como construção, telecomunicações e serviços ligados à inteligência artificial. Investimentos não ligados à TI, como a construção de prédios, não serão isentos pela medida.

ByteDance

Fontes afirmaram que o investimento planejado em um data center no Nordeste do Brasil pela ByteDance, controladora chinesa do TikTok, será um dos beneficiados pela medida, que será editada via MP, exigindo aprovação do Congresso para se tornar permanente.

Queda

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) recuou 0,4 ponto em abril (98 pontos) informou nesta segunda-feira, 28, a FGV.

Na média móvel trimestral, o índice cedeu 0,2 ponto, atingindo 98,2 pontos, o que confirma a percepção de cautela dos empresários.

Isenção

A política prevê a isenção de tributos federais – PIS, Cofins, IPI e Imposto de Importação – sobre investimentos em bens de capital ligados à TI para data centers, mediante a depreciação de hardware, com peso substancial na atividade, devido à atual estrutura tributária.

Acomodação

“A queda em abril decorre do aumento dos estoques, que seguem em níveis normais. Para o futuro, nota-se acomodação das expectativas após um período de pessimismo quanto ao futuro dos negócios nos próximos seis meses”, escreveu o economista do Ibre/FGV Stéfano Pacini.

Focus reduz IPCA a ‘conta-gotas’, à espera da nova Selic

Previsão da inflação cai de 5,57% para 5,55%, mas à do PIB ‘para’

Gabriel Sales - Prefeitura de Rio das Ostras

Por Marcello Sigwalt

A queda compassada da projeção de inflação, tal qual uma ‘dança de cadeiras’ – previamente acertada entre o mercado financeiro e o Banco Central (BC), via boletim Focus dessa segunda-feira (28) – ficou patente pela redução ‘pífia’ de 5,57% para 5,55%, da estimativa do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) para este ano. Há um mês, esta era de 5,65%. Para 2026, ano de eleição presidencial, porém, a ‘aposta’ da banca é de que a inflação suba dos 4,50% precedentes para 4,51%. Em ambos os casos, a carestia anual supera o teto da meta de inflação, de 4,5%, fixado pelo CMN (Conselho Monetário Nacional).

Enquanto que para 2027, a taxa se manteve em 4%, para 2028, ela caiu de 3,80% para 3,78%. A segunda queda seguida do indicador oficial de inflação, portanto, reflete, não só o acentuado aperto monetário imposto pelo BC, mas também uma nova alta iminente (que



Aperto monetário na veia: enquanto inflação cai a conta gotas, PIB empaca

seria de menor magnitude), na próxima reunião do Copom (Comitê de Política Monetária), no início de maio próximo. A pisada monetarista no freio da economia pode ser atestada pela ‘paralisia’ do PIB previsto para este ano, imexível nos mesmos 2% anteriores. Igualmente ‘estático’ ficou o prognóstico para o ano que vem, em 1,7%.

O mercado manteve monoliticamente em 15% ao ano a previsão para a Selic (taxa básica de juros) para este ano, mesmo que exista a possibilidade de este patamar ser superado, uma vez que os juros básicos já estão em 14,25% ao ano e muito próximos dessa expectativa anual. Para 2026, a projeção continuou em 12,50% ao ano,

e em 10,50% ao ano, para 2027.

Também estável em US\$ 75 bilhões ficou a expectativa dos bancos com relação ao superávit comercial deste ano, de US\$ 79,3 bilhões para US\$ 79,4 bilhões.

Já no que se refere ao investimento estrangeiro, este continuou em US\$ 70 bilhões para este ano e para o próximo.

Dólar exhibe a sétima queda seguida

O dólar se firmou em baixa ao longo da tarde, furou o piso de R\$ 5,65 e emendou nesta segunda-feira, 28, o sétimo pregão consecutivo de queda. O real se apreciou apesar do dia negativo para seus principais pares latino-americanos, os pesos mexicano e chileno, e o ambiente externo marcado por pouco apetite ao risco, diante da ausência de sinais concretos de negociações comerciais entre EUA e China.

Operadores afirmam que a moeda brasileira pode ter se beneficiado de fluxo pontual de recursos externos para a bolsa e a renda fixa domésticas. Um ponto que chamou a atenção foi a fala do presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, reiterando nesta segunda-feira o desconforto com as expectativas de inflação.

A perspectiva de pelo menos mais uma elevação da taxa Selic e de manutenção da po-

lítica monetária em campo restritivo por período prolongado não apenas aumenta a atratividade das operações de carry trade como desestimula a manutenção de posições compradas na moeda americana contra o real.

Com mínima a R\$ 5,6470, o dólar à vista encerrou o pregão em baixa de 0,70%, a R\$ 5,6480 – menor valor de fechamento desde 3 de abril (R\$ 5,6281), dia seguinte ao

tarifaço anunciado por Donald Trump.

A divisa acumula desvalorização de 4,11% nos últimos sete pregões, o que leva as perdas no ano a 8,1%.

O índice DXY recuou e voltou a furar o piso dos 99,900 pontos. A moeda americana caiu na comparação com a maioria das divisas emergentes e de países exportadores de commodities. Em abril, o Dollar Index desce mais de 5%.

Na sexta alta, Ibovespa avança 0,21%

O Ibovespa alcançou máxima desde setembro de 2024, aos 135,7 mil pontos, mas diminuiu expressivamente os ganhos no período da tarde desta segunda-feira (28). Não houve fator para azedar o sentimento do mercado, mas também não houve novidades para estimular um avanço mais forte, de modo que a sexta alta consecutiva da Bolsa ocorreu em um dia em que o giro financeiro foi menor do que a média diária de R\$ 23 bilhões.

O operador de renda variável da Manchester Investimentos, Henrique Lenzi, avalia que o investidor agora espera mais sinais macroeconômicos para entender se o índice tem potencial de subir mais do que o movimento atual, ou não.

Na quarta-feira, por exemplo, os Estados Unidos divulgaram o relatório de empregos ADP, a primeira leitura do Produto Interno Bruto do pri-



Aos 135,7 mil pontos, bolsa tem giro financeiro de R\$ 20,4 bi

meiro trimestre, e o índice de preços de gastos com consumo (PCE, na sigla em inglês).

Por fim o Ibovespa encerrou aos 135.015,89 pontos, com alta de 0,21% e giro financeiro de R\$ 20,4 bilhões. Na máxima intradia pela manhã, chegou aos 135.709,27 pontos

(+0,72%), maior nível desde 16 de setembro.

Principal ponto de atenção dos mercados globais, um eventual acordo entre Estados Unidos e China segue sem dobramentos concretos.

Nesta segunda-feira, o secretário do Tesouro dos EUA,

Scott Bessent, afirmou que cabe à China diminuir tensões comerciais com os EUA, frente ao atual nível “insustentável” das tarifas entre ambos.

Já Pequim parece não estar com pressa em implementar políticas que podem ajudar a estabilizar a economia em crise, apesar de as tarifas dos EUA começarem a pesar sobre o país, mostra reportagem da Dow Jones.

O presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, disse acreditar que existe um sentimento e um desejo de sentar da China e dos Estados Unidos para negociar tarifas, mas ponderou que a desescalada das tensões comerciais não tende a ser “um passeio no parque”.

A análise, então, é de que a desescalada das medidas comerciais não será feita de maneira suave. Para ele, aliás, ainda haverá algum tipo de avanço nos bloqueios.

Futuros ficam próximos da estabilidade

Os juros futuros encerraram a segunda-feira perto da estabilidade. O movimento de realização de lucros visto desde sexta-feira perdeu durante boa parte da sessão, mas perdeu força e se esvaiu no meio da tarde, levando as taxas a zerarem o avanço, enquanto o dólar se firmou abaixo dos R\$ 5,65.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou em 14,675%, de 14,639% na

sexta-feira. A do DI para janeiro de 2027 terminou estável em 13,90% e a do DI para janeiro de 2029 passou de 13,63% para 13,64%.

A correção das quedas recentes iniciada na sessão anterior ditou a dinâmica dos DIs durante boa parte do dia, mas não se sustentou até o fim. Após o período de formação dos preços de ajuste (16h10 às 16h20), as taxas passaram a oscilar com viés de baixa, es-

timuladas pela aceleração da queda do dólar, que conseguiu fechar abaixo dos R\$ 5,65, a R\$ 5,6480. A combinação entre a valorização do câmbio e a baixa superior a 1% do petróleo alimenta a ideia de recuo nos preços da gasolina.

“A percepção é de que o DI hoje passou por mais uma realização de lucros do que uma alta provocada por algo mais estrutural”, afirma Filipe Arend, head de renda fixa da

Faz Capital, lembrando que a ponta curta se mexe menos com as apostas já precificadas para uma nova alta da Selic no Copom de maio. “A fala do Galípolo confirmou que a comunicação do Banco Central na última decisão em março foi acertada, porque reforçou que o ambiente era de muita incerteza, que a gente teria um novo ajuste na taxa de juros de menor magnitude, justamente em função disso”, afirmou.